



1290000114



FE

ROZELI LEMOS DE MELO

TCC/UNICAMP M491t

**"O TEMPO NOSSO DE CADA DIA...": UM ESTUDO
DE COMO O TEMPO VAI SENDO SIGNIFICADO
NAS RELAÇÕES ESCOLARES**

CAMPINAS – SP

1998

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Rozeli Lemos de Melo

4382

**"O TEMPO NOSSO DE CADA DIA ...": UM ESTUDO DE
COMO O TEMPO VAI SENDO SIGNIFICADO NAS
RELAÇÕES ESCOLARES**

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência
parcial para o curso de Pedagogia
com habilitação em Magistério do
Pré-Escolar da Faculdade de
Educação, UNICAMP, sob a
orientação da profa Dra Roseli
Aparecida Cação Fontana.**

Campinas, SP

1998

UNIDADE: FE
Nº CHAMADA: YCC/UNICAMP
M491t
V:..... EX:.....
TOMBO: 119
PROC.: 124/03
C:..... D: X
PREÇO: R\$ 11,00
DATA: 31/10/2003
Nº CPD: M491t 1081

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

M491t Melo, Rozeli Lemos.
 O tempo nosso de cada dia... : um estudo de como o tempo vai sendo significado nas relações escolares / Rozeli Lemos Melo. -- Campinas, SP : [s. n.], 1998.

Orientador : Roseli Aparecida Cação Fontana.
 Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Tempo. 2. Rotina. 3. Planejamento. 4. Disciplina. 5. Didática. I. Fontana, Roseli Aparecida Cação. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Campinas – SP, 17 de julho de 1998

Orientadora: Profa Dra Roseli Aparecida Cação Fontana

Segunda Leitora: Profa Dra Ana Luiza Bustamante Smolka

À Dona Edite, minha mãe, motivo maior de eu estar e permanecer nesta
Faculdade...

À Roseli Cação, minha professora , por me ensinar a “olhar” para e com as
crianças...

Ao Caio, meu filho, que soube esperar pelo meu afago...

Às crianças com quem convivi e que tanto me ensinaram...

AGRADECIMENTOS:

A Deus, por me acompanhar em mais esse percurso.

A minha mãe, que cuidou do Caio e do Gilmar, quando eu estava ausente.

Ao Gilmar , meu marido, por me ensinar o significado do : Quem cala consente.

À Elza, minha cunhada, por se transformar em duas para suprir a minha ausência.

A Cida e à Dalva, irmã e amiga, que compreenderam mesmo sem entender a minha angústia durante a confecção deste trabalho.

A Adriana Couto, amiga/irmã pela dedicação.

A Monica Raineri, Roberta Freire e Tânia Alves , pela amizade.

A Roseli Cação, minha orientadora, por dedicar “seu tempo”, para estudarmos o “nosso tempo”.

SUMÁRIO

DE VOLTA AO CASULO.....	08
QUE HORAS SÃO?.....	12
OS MODOS DE APROXIMAÇÃO DO COTIDIANO DA ESCOLA.....	20
VIVENDO O TEMPO NA ESCOLA.....	24
TEMPO DE TRABALHO E TEMPO LIVRE.....	34
AS FESTAS.....	42
O TEMPO COMO ALIADO.....	47
BIBLIOGRAFIA.....	49

***“Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo...”
(Caetano Veloso)***

DE VOLTA AO CASULO

Voltar ao casulo significa, para mim, lembrar como surgiu o tema deste trabalho. No final do primeiro semestre de 1996, ao elaborar meu relatório de estágio, utilizei a metáfora da lagarta que sonhava ser borboleta, para me referir ao momento de formação profissional que vivia. Da mesma maneira que a lagarta, tantas vezes considerada feia e asquerosa, necessita recolher-se no casulo para transformar-se em borboleta, também a professora em formação necessitava do recolhimento e da quietude da reflexão para analisar o trabalho pedagógico realizado e nele analisar-se. No processo de estágio, fui percebendo, entre acertos e erros, no meu primeiro contato com as crianças, numa relação de ensino, que ser professora, implicava refletir criticamente sobre o feito, para nele (re)conhecendo-se poder compreendê-lo e compreender-se.

"A formação permanente das educadoras, que implica a reflexão crítica sobre a prática, se funda exatamente nesta dialeticidade entre prática e teoria (...) A prática de pensar a prática e de estudá-la nos leva à percepção anterior que, de modo geral, envolve um novo conhecimento." (Freire: 1995, 112/113)

Tornar-se borboleta, mais do que transformação física, é transformação qualitativa: *da lagarta surge um novo ser que ao sair do seu casulo, pode voar sempre mais alto, buscando a brisa da manhã e os raios do sol ou apenas ser mais uma borboleta...* (Relatório de estágio, julho/1996).

Também a professora em formação, pela reflexão, faz-se outra: explicita percursos e neles explicita para o outro e para si, o conhecimento que vai elaborando no trabalho/pelo trabalho.

Voltei ao estágio no segundo semestre com o propósito de não ser apenas mais uma pessoa na sala de aula.

As crianças da 4ª série em que eu estagiava apresentavam muitos erros ortográficos. Resolvi ajudá-las a compreender algumas regras ortográficas. Passei a elaborar e implementar procedimentos e atividades que possibilitassem às crianças direcionar sua atenção para os modos diferenciados de grafar as palavras e que as levassem, também, a identificar regularidades nessas diferenças. Observação, atenção voluntária, comparação, identificação de regularidades. Fui-me dando conta, no bulício do trabalho e na quietude da reflexão sobre ele, que muitos, eram os processos mentais humanos a serem compartilhados com as crianças na "tarefa", aparentemente simples e mecânica de apropriação da escrita ortográfica. Muito havia a apreender e aprender ensinando a elas.

Tudo isso demandava tempo, mas "meu tempo" na sala de aula, estagiária que era, dependia da professora. Embora ela reconhecesse a importância da atividade, que eu me propusera a desenvolver, vivia também o drama de organizar e distribuir as tantas habilidades e informações a serem garantidas às crianças, num tempo que voava.

No entanto, nas muitas vezes em que eu aguardava o momento de assumir a classe, angustiava-me e me perguntava diante de uma rotina de correções intermináveis, de explicações não ouvidas pelas crianças, que aos meus olhos pareciam "tempo perdido", como o tempo, tão precioso e escasso, estava sendo percebido, vivido e ocupado pela professora.

Foi assim naquele dia. Eu havia preparado um trabalho para as crianças, mas antes que eu pudesse iniciá-lo a professora dedicou-se à correção da tarefa de casa. Essa correção se estendeu durante toda a aula. A classe demonstrava um certo desinteresse e cansaço. Para completar, um vendedor de bibelôs infantis adentrou a sala para vender seus produtos. Nesse momento fixei meus olhos nas atividades preparadas que estavam sobre a mesa e a falta de tempo para realizá-las me incomodou. Afinal, o que se prioriza na rotina da sala de aula? Pensei também nas relações que se poderia

estabelecer entre o tempo cronológico (aquele que é ditado pelo calendário e relógio) e o tempo que se necessita para aprender. Superpõem-se, complementam-se, opõem-se, são congruentes ou não?

Comecei minha atividade alguns minutos antes do final da aula. Naturalmente não obtive bons resultados, pois o tempo que me restara, acabou, não sendo suficiente para concluí-la.

Mais um semestre se passara e novamente outro relatório de conclusão de estágio estava sendo elaborado. Não mais utilizei a metáfora da borboleta, embora fosse o momento de voltar ao casulo novamente: momento de refletir, de tomar distância e olhar para o vivido. Iniciei meu relatório assim:

"Toca o despertador, é tempo de acordar, é tempo de arranjar tempo para as inúmeras coisas a fazer. Um semestre parece muito, mas o tempo passa, e se inicia uma contagem regressiva. O "tic-tac" do relógio determina o que deve ser feito:

** Tic - ir ao estágio...*

** Tac - ler textos para as aulas...*

** Tic - passar a limpo o caderno de campo...*

** Tac - procurar o tema do T.C.C. ...*

** Tic - preparar aula para o estágio...*

** Tac - ler livros para a pesquisa...*

** Tic - ler livros para as aulas...*

** Tac - ir a supervisão...*

** Tic - elaborar seminários...*

** Tac - entregar trabalhos...*

** Tic - Tac - Pensar nas crianças..."*

É isso, onde estão as crianças?..." (Relatório de estágio, dez/1996)

No relatório foram ganhando relevância a angústia da professora, da diretora e também minha ao vermos o tempo passar, a necessidade de se cumprir o programa e a constatação de que muito do que fora feito não resultara ainda em aprendizado consolidado. As crianças continuavam errando. No relatório, eu afirmava:

"O tempo que anteriormente era apenas um dado tornou-se através da observação e da reflexão, o nó que atava um emaranhado de fios que compõem a sala de aula e sua dinâmica". (Relatório de estágio, dez/1996)

Tempo para aprender. Tempo para ensinar. Tempo para corrigir. Tempo para avaliar. Tempo de recreio. Tempo de lição. Tempo, tempo, tempo...

Concluí, então:

" Ainda "preciso de tempo" para estudar e analisar o tempo na sala de aula, mas discordo inicialmente de Charles Chaplin, quando diz: "O tempo é o melhor autor: sempre encontra um final perfeito", porque uma pergunta me persegue "todo tempo". E as crianças ? Como resposta as vejo como no primeiro dia de estágio, sentadas, esperando por algo. O que fazer para elas? O que fazer com elas? Infelizmente, para (e com) essas crianças mais nada, o tempo passou ... o tempo acabou..." (Relatório Final de Estágio, dez/1996)

Ao sair do "casulo", em que direção voar? Não precisava mais: "procurar o tema do T.C.C.", eu já o havia vislumbrado.

QUE HORAS SÃO?

Olhar no relógio ou perguntar a alguém: Que horas são?, faz parte do nosso cotidiano. É um desejo constante de orientação e reorientação, estamos sempre voluntária ou involuntariamente nos programando de acordo com o tempo. É hábito tão comum que frases como: "Perder tempo", "Ganhar tempo", "Gastar tempo", "Economizar tempo", se tornam corriqueiras. E o tempo parece tomar forma, tornar-se palpável de tal maneira que podemos perdê-lo em qualquer esquina, ganhá-lo como um presente de Natal, gastar ou economizar como dinheiro .

Quando olhamos para o relógio não nos apercebemos da grandiosidade e amplitude do 'tempo', simplesmente o olhamos como se estivesse aprisionado naquela pequena máquina, como o gênio na lâmpada maravilhosa.

Tal maneira de conceber o tempo como nos parece tão natural, é uma criação cultural. Como aponta o antropólogo E. Leach (1974:207):

*"Falamos na medida do tempo, como se o tempo fosse uma coisa concreta a ser medida; mas de fato nós **criamos o tempo** através da criação de intervalos na vida social. Até que tivéssemos feito isso, não havia tempo para ser medido". (Grifo do autor)*

Todas as culturas estabelecem intervalos de tempo e produzem formas de marcar os períodos criados .Os modos de criar esses intervalos e os sistemas de marcá-los variam muito de uma cultura para outra.

Do mesmo modo que entre muitos povos, as variações da lua e a posição das estrelas no céu registradas e controladas através de nós e marcas

na pedra ou na madeira, serviram de indicadores para a criação dos intervalos entre o preparo da terra e a colheita, os períodos de privação e de festa, o específico de nossa sociedade é que usemos uma medida externa às atividades que desempenhamos e que divide o tempo em horas e minutos, semanas e meses.

Segundo Thompson (1991), as diferentes notações do tempo se relacionam com as distintas formas de organização social do trabalho. Em sociedades camponesas ou em portos, onde as variações das condições "naturais", como frio ou o calor, o dia ou a noite, as marés, os períodos de chuva e de estio, interferem no trabalho diretamente tem-se uma notação do tempo orientada por tarefa ("task orientation"). Ou seja, os intervalos de tempo são fixados em função das tarefas a serem feitas. Eles acompanham o ritmo dessas tarefas, estão ligados às mudanças "naturais" do meio. Nessas condições, analisa Thompson, a percepção que os indivíduos têm do tempo varia de uma estação para outra, bem como há pouca separação entre trabalho e vida.

Nossa sociedade, além de perceber o tempo como algo concreto, passível de ser medido através de um sistema abstrato e autônomo, ao qual devemos conformar nossas atividades e nossa vida, concebe-o como algo que passa, que não se repete, que não volta.

O poeta disse: "O tempo não pára ...", e se não pára "corre", "voa", "navega", nos envolve, está no nosso cotidiano, nas nossas mais íntimas situações.

Falar do tempo e de suas relações com as instituições e práticas sociais não é um tema novo. Thompson (1991) analisou a concepção de tempo na evolução tecnológica e o uso do tempo como meio de exploração do trabalho. Nas sociedades capitalistas maduras, lembra ele, todo tempo tem que ser consumido, negociado, **utilizado**, é ofensivo que a força de trabalho simplesmente "passe o tempo". (Grifo do autor)

O tempo como algo que deve ser usado sem desperdício, o tempo que é dinheiro, que separa, drasticamente, tempo de trabalho e tempo livre. O

primeiro é valorizado porque produtivo, o segundo tem pouca importância. Mais do que jeito de levar a vida, ele é visto atrelado ao tempo produtivo e interpretado como intervalo necessário para a reposição das forças. Focalizado como espaço de recomposição da força de trabalho, o "tempo livre" tem obscurecidas suas dimensões relativas ao universo doméstico, ao lazer, à própria identidade em grupos sociais outros que não os diretamente ligados ao mundo do trabalho.

Autores como Taylor (1970) e Braverman (1977) nos explicam como o tempo passou a ser usado como sinônimo de produtividade.

Taylor(1970) viu na sincronização dos movimentos a fórmula de eliminar a "indolência natural" inerente ao homem. A "economia" do tempo levaria a uma maior produtividade que seria benéfica para patrões e empregados:

"Em uma palavra , o máximo de prosperidade somente pode existir como resultado do máximo de produção ". (Taylor : 1970, 31)

Através da Organização Científica do trabalho, por ele concebida, Taylor propôs formas de controle da atividade do trabalhador, visando o máximo de produtividade no menor tempo possível.

Segundo ele havia "vadiagem no local de trabalho", não tanto nos momentos de repouso que se intercalavam aos momentos de atividade, mas na redução do ritmo de execução das atividades. Os operários, analisava ele, trabalhavam num ritmo menor do que aquele que deveriam e poderiam adotar. A redução do ritmo de trabalho foi por ele denunciada como perda de tempo, de produtividade e de dinheiro.

Segundo a análise de Dejours (1992), após coligir diferentes modos de realizar as atividades entre operários, Taylor escolheu o mais "rápido" e, sobre este critério, declarou-o o "modo operatório científico". Para implementá-lo Taylor elaborou um meio de vigiar cada gesto, cada seqüência, cada

movimento na sua forma e no seu ritmo, dividindo o modo operatório complexo em gestos elementares mais fáceis de controlar por unidades, do que o processo no seu conjunto: vários gestos não mais deveriam ser executados por um só operário e entre os gestos deveria interpor-se uma intervenção do pessoal da vigilância. A produtividade do tempo nasceu então do fracionamento máximo e da rigidez intangível da organização do trabalho.

Braverman (1977) faz a crítica `a taylorização do trabalho baseada na sincronização e controle dos movimentos, denunciando a desumanização do trabalho, pela violência da produtividade. Para ele a melhor utilização do tempo proposta por Taylor é uma forma de exploração do trabalho nas fábricas, que reduz o potencial humano de produção em meia força de execução.

" Taylor elevou o conceito de controle a um plano inteiramente novo quando asseverou como uma necessidade absoluta para a gerência adequada a imposição ao trabalhador da maneira rigorosa pela qual o trabalho deve ser executado"(Braverman: 1977,86).

E a escola, neste contexto? De que tempos é ela feita?

Comênio, ao propor no século XVII as bases da escola moderna, tomou como modelo o relógio, afirmando que ordem é a alma das coisas e o afastamento desse princípio leva ao fracasso e que portanto é preciso que a escola seja como o relógio, regular, harmônico.

"Ora nas escolas reina a confusão, pelo facto de se querer meter na cabeça dos alunos muitas coisas ao mesmo tempo. (...) O sapateiro, antes de ter terminado um par de sapatos, não começa outro. O padeiro, antes que os pães estejam cozidos, não mete no forno outra fornada. (...) Imitemos, suplico-vos, estes exemplos, pois quem pensa muitas coisas ao mesmo tempo arrisca-se a

não compreender seriamente nenhuma delas. (...) A arte de ensinar, nada mais exige, portanto, que uma habilidosa repartição do tempo, das matérias, e do método. Se conseguirmos estabelecer com exatidão esta ordem não será mais difícil ensinar tudo à juventude escolar, (...) por mais numerosa que ela seja, (...) E tudo andarà com não menor prontidão que um relógio posto em movimento regular pelos seus pesos".(Comênio: 1957 ,186/215/216)

E conclui:

"Procuremos, portanto em nome do Altíssimo, dar às escolas uma organização tal que corresponda, em todos os pontos, à de um relógio. Construído segundo as regras da arte e elegantemente ornado de cinzeladuras variadas"(Comênio:1957,186)

As palavras de Comênio podem nos parecer curiosas, mas ganham sentido quando contextualizadas historicamente. Eram os tempos de funcionamento da nascente indústria manufatureira e da ruptura do trabalho artesanal. O homem moderno iniciava sua caminhada em direção aos modos de organizar e pensar o trabalho, o tempo e a si mesmo como fontes de produtividade.

Thompson (1991), em seu estudo, aponta que o relógio, criado nessa época, foi inicialmente um símbolo de status para ser depois uma exigência do capitalismo industrial, que o utilizou como forma de controle do tempo nas fábricas. As máquinas ditavam o ritmo e eram consideradas sinônimo de disciplina.

O relógio, pequena máquina, guarda em seus mecanismos a ordem ideal:

"No relógio, instrumento que mede o tempo, o metal, trabalhado e ligado de várias maneiras, produz movimentos espontâneos e assim marca harmonicamente os minutos, as horas, os dias, os meses, e até talvez os anos..." (Comênio:1957,181)

O raciocínio de Comênio é o reflexo do processo de transformação nas formas de trabalho e pensamento vigentes. Nas sociedades pré-capitalistas, o tempo tinha um "sentido" circular, inspirado nos ciclos da colheita. Ele era feito de momentos de trabalho que se realizavam em consonância com os ciclos da natureza. Porém com o capitalismo o tempo passa a ter uma configuração linear. A cronologia, o relógio, marcam o tempo que passa e não volta, o tempo que independe dos ciclos da natureza. Comênio, vivendo nos momentos iniciais do capitalismo emergente propõe a modernização das práticas educativas e delinea um modelo de escola adequado aos moldes da nova sociedade em gestação, por isso percebemos em suas palavras a procura pela ordenação, pela linearidade.

A proposta Comeniana que separa as atividades (uma coisa de cada vez), que separa as classes por idade e ciclos, que fixa períodos de funcionamento para a escola superando o sistema dos internatos, que reivindica eficiência e rapidez no ensino através do planejamento, materializa-se no século XIX e consolida-se no século XX.

"É evidente que seria útil que, na mesma classe, apenas uma matéria fosse estudada, ao mesmo tempo, por todos, pois assim o professor teria menos trabalho e os alunos aproveitariam mais" (Comênio:1957,291)

E para ele isso se consegue com planejamento:

"Dispor tudo o que deve fazer-se, de maneira que em cada hora, haja uma tarefa a realizar, de modo que todos, sem tropeçar, a possam realizar e assim atinjam a meta juntamente."(Comênio:1957,292)

Comênio fala também de economizar tempo:

"Também os exercícios de leitura e de escrita se farão sempre juntos, com grande economia de tempo e de fadiga." (Comênio:1957,296)

Em seu um "Plano da Escola Materna", sugere que as crianças sejam inseridas na sincronia:

"Lançam-se os fundamentos da cronologia, e a criança entenderá o que significa hora, dia, semana ,ano e o que significa verão, inverno etc., e ontem, no dia anterior, amanhã, depois de amanhã, etc..."(Comênio:1957,416)

Sugere também que elas entendam, desde cedo, a melhor forma de utilizar o tempo:

"...as crianças devem ser também exercitadas em trabalhos e ocupações contínuas, quer de carácter lúdico, para que a ociosidade se lhes torne insuportável."(Comênio: 1957,420)

Planejar o uso do tempo é para Comênio uma fórmula de melhor utilizá-lo e neutralizar a ociosidade. Apesar dos séculos que nos separam, vivemos ainda hoje, a escola Comeniana.

As relações entre a organização da escola que temos e a organização social do trabalho, foi analisada por Enguita (1989), que vê a escola como uma instituição destinada a conformar o indivíduo ao trabalho capitalista. Na escola, analisa ela, somos ensinados a respeitar e cumprir horários impostos, seqüenciados que nos preparam para o ingresso na rotina de trabalho na indústria. Em sua análise, Enguita num certo sentido explicita um dos projetos subjacentes às propostas de Comênio: a formação do homem moderno para as novas relações de trabalho.

Mollo (1978), analisando o conformismo na escola, a partir da perspectiva da criança, destacou que esta ao escrever sobre si mesma na escola, insiste no detalhamento cronológico do seu dia. Analisando a produção textual das crianças estudadas, Mollo identificou essa regularidade que interpretou como uma recusa de falar de si mesma. Ela também verificou que a descrição referente à sala de aula é marcada pela lentidão e a saída é precipitada. Como se a criança subjugada ao professor descrevesse "amargamente" sua rotina escolar.

Para este trabalho, o estudo de Mollo mostrou-me interessante não tanto por suas interpretações, mas por suas constatações: - a íntima relação entre tempo cronológico e escola que parece marcar a leitura que a criança faz de sua experiência nessa instituição.

Controle, disciplinamento, conformismo são noções que aparecem freqüentemente associadas aos modos de conceber o tempo na escola. Frente a isso, decidi também perguntar à escola: "Que horas são?" Procurando não olhar somente para o relógio, mas para as situações nela vividas. Digo "não somente para o relógio" pois às vezes foi necessário olhar para ele, não como quem procura o gênio aprisionado, mas como quem sabe que a lâmpada está aberta e o gênio está com e em nós. Procurei me aproximar do cotidiano da escola e observar como o controle, o disciplinamento, o conformismo iam sendo

ali por entre os intervalos de tempo criados, vividos e significados. Que atividades se realizavam na escola no seu dia-a-dia ? Como essas atividades se distribuem e se organizam? Como o tempo aí transcorre? Como o tempo é aí percebido pelas professoras e pelas crianças? Como ele é controlado?

OS MODOS DE APROXIMAÇÃO DO COTIDIANO NA ESCOLA

Acercando-me da escola com o propósito de observar como o tempo era ali vivido e significado, procurei, durante seis meses, tornar-me parte integrante de uma pré- escola.

A escola escolhida fazia parte da rede municipal de ensino de Sumaré (SP) e atendia crianças de 1 a 6 anos, funcionando em 2 períodos. As crianças de até 4 anos ficavam em tempo integral na escola e as demais meio período.

A opção pela pré-escola decorreu do interesse em observar que tipo de significados e vivências do tempo são possibilitadas às crianças em suas primeiras experiências na instituição escolar.

Nos seis meses em que me aproximei da rotina diária da E.M.E.I. convivi com as diferentes classes e séries. Duas vezes por semana, permanecia na escola no período das 8H00 às 12H00. O registro minucioso em diário de campo era feito após a observação. Durante a observação eram feitas apenas algumas anotações de falas e de lembretes para facilitar o registro final e não perder a tônica de algumas situações . Procurei apreender nas situações cotidianas, indicadores de como o tempo ia se materializando nas relações entre professoras e crianças, crianças e crianças, professoras e professoras, professoras, crianças e o pessoal da escola.

O tempo, entretecido às muitas situações e interações observadas e registradas, nem sempre se dava a ver.

"O cotidiano é o humilde e o sólido, o que se dá por suposto, aquilo cujas partes e fragmentos se encadeiam em um emprego de tempo(...); ocupa e preocupa e, no entanto, não tem necessidade de ser dito..." Assim Lefebvre (apud Caldeira, 1984:118), refere-se ao cotidiano, evidenciando o quanto ele é vivido automaticamente e o quanto sua "naturalização" encobre, para os próprios indivíduos que o vivem, os modos de sociabilidade e de vida que nele se realizam, os papéis sociais e subjetividades que nele se constituem.

Só foi possível enfrentar a opacidade do cotidiano e nele vislumbrar os modos de viver e significar o tempo no momento em que tomei distância das vivências imediatas para ler e estudar meu "Diário de Campo".

"Saliento a necessidade de que dentro do contexto teórico, tomemos distância do concreto, no sentido de perceber como, na prática nele exercida, se acha embutida a sua teoria de que às vezes, não suspeitamos ou que mal sabemos" (Freire: 1995,103)

Esse "tomar distância" significou "olhar" de outro ângulo. Metaforicamente, é como se eu tivesse um álbum fotográfico do qual fazia parte e que folheando, revivesse momentos. No caso da pesquisa, mais do que fotos eram pequenos acontecimentos que não mostravam uma imagem fixada, mas as falas, os gestos, os modos de agir das pessoas neles envolvidas. Particularmente esse foi o momento mais doloroso da pesquisa. Digo às vezes entre amigos, que descobri o verdadeiro significado da palavra "orientadora", pois nunca me senti tão desorientada durante toda a minha vida acadêmica. Foi lento, tive que literalmente dar um passo de cada vez, saía das

reuniões de orientação com tarefas a executar, tudo parecia fácil mas ao realizá-las me deparava com novas descobertas, novos problemas. Na reunião seguinte ao relatar o que descobrira, via que ela já sabia que eu chegaria lá, ou seja, já sabia por onde eu estava "andando". Mais do que falar ou explicar o que era a análise de dados ela foi-me ensinando a fazê-la, fazendo junto comigo.

Tentando resumidamente descrever o "caminho das pedras" posso dizer que, inicialmente, eu tinha um caderno cheio de registros. Era um material extenso e bastante heterogêneo. Havia descrição de atividades, as músicas cantadas pelas crianças, descrição das salas de aula, falas das professoras, descrição de ensaios, passeios, etc..

A heterogeneidade confundia-me na medida em que me permitia ler aqueles fragmentos do cotidiano a partir de vários pontos de vista. Era necessário estabelecer alguns critérios, definir prioridades.

Meu primeiro esforço foi o de identificar nos episódios registrados indicadores de como os intervalos de tempo eram produzidos, quais os **MARCADORES DE TEMPO** utilizados para demarcá-los, como esses intervalos de tempo criados eram utilizados (**MODOS DE UTILIZAR O TEMPO**) e como o tempo vivido era significado (**MODOS DE SIGNIFICAR O TEMPO**).

Procurei agrupar os episódios registrados de acordo com os indicadores que neles prevaleciam. Só que ficava difícil ainda estabelecer qualquer tipo de relação e análise, porque nos episódios apesar de um dos elementos, pelos quais eu indagava, poder ser destacado frente aos outros, todos estavam presentes e articulados. Para conseguir visualizar a ligação, fiz um resumo das relações contidas em episódio, através de palavras chaves.

Mais um tempo foi gasto com o estudo desses dados. Fiquei alguns dias estudando aquelas duas páginas, de síntese dos episódios, até que percebi que, embora o meu primeiro raciocínio tivesse sido linear: os marcadores de tempo existem porque atribuímos significado ao tempo, e só significamos quando utilizamos esse tempo, (**MARCADORES DE TEMPO → MODOS DE SIGNIFICAR O TEMPO → MODOS DE UTILIZAR O TEMPO**), os mesmos

elementos do esquema podiam compor um outro esquema inverso pois: quando utilizamos um determinado tempo, lhe atribuímos significado e ele pode se tornar um marcador de tempo, ou seja

(MARCADORES DE TEMPO ≠ MODOS DE SIGNIFICAR O TEMPO ≠ MODOS DE UTILIZAR O TEMPO)

O universo simbólico, conforme destaca Eunice Durham em citação feita por Caldeira (1984:145), é maleável e dinâmico e requer cuidados ao se pretender interpretá-lo.

Foi necessário entender a lógica de cada episódio, no seu contexto de produção e também no contexto das condições de produção do cotidiano escolar como um todo, para me aproximar do seus possíveis significados e das vivências a ele coladas. Fui-me dando conta, no transcorrer do esforço de análise, em concordância com Caldeira:

"...que uma visão ampla de um modo de vida só pode construir-se com base na consideração do que se faz, do que se diz, do que se fala sobre o que se faz e sobre o que se diz, como elementos que se complementam uns aos outros."(op.cit:145)

No processo da análise, percebi também o movimento de ida e volta que se tece entre os dados e as referências teóricas, conceituais e históricas por eles evocadas.

Não se trata, e não se tratou neste trabalho, de aplicar um "modo de compreender o tempo" às situações observadas, para comprová-lo ou refutá-lo. Ao contrário, no esforço de estudar e conhecer o tempo na escola, fui me apropriando de um conhecimento teórico e empírico e o fui elaborando ativamente. Nesse sentido, a compreensão a que cheguei das questões que foram meu ponto de partida, é parte da própria história do fazer-se da pesquisa e da minha própria história.

Embora a compreensão alcançada não seja definitiva, nem a única possível, ela ampliou o meu próprio entendimento da sociedade em que vivo.

VIVENDO O TEMPO NA ESCOLA

Quando o relógio bater a uma, todas as caveiras saem da tumba .

REFRÃO: Tumba La ka tumba, tumba ka. (duas vezes)

Quando o relógio bater as duas, todas as caveiras saem pra a rua.

REFRÃO

Quando o relógio bater as três, todas as caveiras jogam xadrez.

REFRÃO

Quando o relógio bater as quatro, todas as caveiras limpam sapato.

REFRÃO

Quando o relógio bater as cinco, todas as caveiras apertam os cintos.

REFRÃO

Quando o relógio bater as seis, todas as caveiras imitam chinês.

REFRÃO

Quando o relógio bater as sete, todas as caveiras mascam chiclete.

REFRÃO

Quando o relógio bater as oito, todas as caveiras comem biscoito.

REFRÃO

Quando o relógio bater as nove, todas as caveiras os braços movem.

REFRÃO

Quando o relógio bater as dez, todas as caveiras batem os pés.

REFRÃO

Quando o relógio bater as onze, todas as caveiras se escondem.

REFRÃO

Quando o relógio bater as doze, todas as caveiras fazem uma pose.

REFRÃO

Posso dizer que as caveiras me receberam e me acompanharam durante toda a pesquisa . Foi a primeira música que ouvi na primeira classe em que fiquei e desse dia em diante também nas demais salas. Mas elas estavam às vezes no corredor, na mesa do almoço e no passeio. Mais do que a "música do momento", a música da caveira era também um marcador de tempo, mas isso só percebo agora, pois no momento da pesquisa, ela não passava de mais uma música infantil. Eu percebia nas doze badaladas a presença do relógio, e então apressadamente, visualizava ali um marcador de tempo. Mas não era só isso que as rimas da música comportavam. Cantando as crianças iam internalizando a dimensão dominante do tempo em nossa sociedade: o tempo cronológico, linear, abstrato, independente da atividade realizada. Músicas, como a das caveiras, e pequenos cantos de comando eram também importantes marcadores de tempo no cotidiano.

Estou denominando "**marcadores de tempo**", aos atos, gestos e palavras de professoras e alunos que em determinadas situações sinalizavam mudanças de atitudes, deslocamentos ou pausas que deviam ser executadas naquele momento, como no fragmento transcrito abaixo, por exemplo:

"...Voltamos para a sala , a professora sai por um instante, mas antes diz as crianças que é hora do descanso. De imediato alguns debruçam sobre a mesa." (D.C. , 12/09/97)

Estes marcadores, incorporados à rotina diária, vão sendo introjetados e assumem um caráter disciplinador.

Inicialmente funcionam como um controle externo do comportamento da criança pela música, pela instrução ou ordem dada, a professora dirige o comportamento da criança, ajustando-o à atividade a ser realizada. À medida em que vão sendo internalizados, esses marcadores convertem-se em signos

que levam a criança a controlar seu próprio comportamento. Ela mesma conduz seus modos de agir, preparando-se para integrar-se (ou não) às atividades do cotidiano escolar, das quais os próprios marcadores são indicadores.

É nesse sentido que podemos dizer que a escola não é só um espaço de aprendizagem e de conhecimentos formais, mas de reconhecimento e identificação. A vida cotidiana compartilhada entre professoras e crianças organiza-se numa rotina que está baseada em convenções que indicam a cada um as maneiras de se comportar-se e de se relacionarem nas tarefas e atividades, de acordo com os papéis e lugares sociais que ocupam.

Se os papéis e lugares sociais são a referência disponível para o "saber se portar" e "ser conveniente" nas relações escolares, a rotina é a referência dos modos de "utilização" dos intervalos de tempo na escola.

Através da rotina escolar as crianças elaboram distintos intervalos de tempo : o período passado na escola , o tempo de lição, o tempo de parque, os dias sem aula, o dia do brinquedo.

"Passo nas mesas. Quem tivesse terminado iria brincar, pois na Sexta-feira é o "Dia do brinquedo" e as crianças levam os brinquedos de casa." (D.C., 12/09/97)

A experiência escolar as introduz em vivências temporais que não costumam ocorrer na rotina da vida familiar.

"Durante a infância ", aponta Caldeira, "a vida tem um grau razoável de desobrigação. Embora seja comum convocar as crianças desde cedo para ajudar em um ou outro trabalho doméstico. É garantido a elas o tempo para brincar ou simplesmente não fazer nada" (op.cit, 124)

Na rotina escolar, o tempo de brincar é delineado e diferencia-se, já, de um tempo “de trabalho”- o tempo da lição. A rotina feita desses distintos tempos, além de materializar-se e explicitar-se nas atividades que se realizam cotidianamente, é também apontada para a criança pelas professoras, através de registros diversos.

Algumas professoras registravam a rotina em cartazes, Como o que havia em uma das salas. No centro havia o desenho de um relógio, em forma de desenho animado, com braços, pernas, olhos, boca e bigode. No lado superior esquerdo havia o desenho de um escorregador e dois balanços, abaixo do desenho estava escrito PARQUE, acima do desenho estava escrito 10:00. No lado superior direito havia o desenho de um prato com alimento e dois talheres, acima do desenho estava escrito 11:00 e do lado do desenho estava escrito ALMOÇO. No lado inferior esquerdo havia o desenho de uma escova e um creme dental, acima desse desenho havia a inscrição de 11:30 e logo abaixo estava escrito ESCOVAÇÃO e finalmente no lado inferior direito estava escrito SAÍDA, abaixo dessa palavra estava escrito 12:00 e o desenho que vinha logo abaixo era o de duas crianças com as mochilas nas costas.

A rotina de todas as turmas era basicamente a mesma:

- 1 - Receber as crianças.
- 2 - Organizá-las para o café da manhã.
- 3 - Em sala: oração, cabeçalho, controle da frequência, ajudantes do dia, calendário.
- 4 - Exercícios mimeografados que as crianças chamam de lição.
- 5 - Parque.
- 6 - Almoço.
- 7 - Escovação.
- 8 - Saída.

Parte dessas atividades era planejada e conduzida pelas professoras, tanto em termos de conteúdo quanto da sua duração. Essas atividades eram geralmente, além da chamada e do cabeçalho, o que as crianças chamavam de "lição": trabalhos mimeografados que misturavam desenhos e escrita.

Algumas vezes era utilizado o caderno, onde também eram colados trabalhos mimeografados e atividades passadas na lousa pela professora.

Outras atividades da rotina dependiam do funcionamento da escola como um todo, como os horários de café, almoço, parque, e escovação. Essas atividades, que utilizavam os equipamentos comuns a toda escola, realizavam-se em horários a serem rigorosamente cumpridos e delimitavam, também de modo rigoroso, os intervalos para a realização das atividades de sala ou de parque, interferindo nos modos de dispor do tempo das professoras.

A rotina era portanto uma das maneiras de MARCAR O TEMPO e de estabelecer um certo controle sobre comportamento das crianças e das professoras dentro da escola.

"A professora do pré-B ainda não tinha chegado. Outra professora sugeriu a professora do pré-A, com quem eu iria estagiar nesse dia, que eu poderia ficar no pré-B até a chegada da professora. Fui até lá, sentei com todos os alunos na roda, expliquei o que estava acontecendo, alguns já sabiam do acidente, eu disse que não me lembrava do nome de todos e pedi para que repetissem, depois disse que não conhecia a rotina da sala e pedi para que me ensinassem. Disseram que primeiro rezavam e começaram a rezar, e me ensinar a rezar como eles..." . (D.C.,23/09/97)

" A professora foi buscar a turma,... as crianças rezavam e cantaram algumas musiquinhas, e foram fazer fila para tomar leite, (...) as crianças voltam a sala, a professora vai à lousa e faz o cabeçalho e as crianças vão falando:

E.M.E.I. . . .

SUMARÉ, 12 DE SETEMBRO DE 1.997

PROFESSORA: _____

Ela verifica quem são os ajudantes, nesse dia é a C. e o W. eles vão até a lousa escrever seus nomes e na frente colocaram o número de letras que tem cada nome a menina conta o número de meninas e o menino o número de meninos em voz alta, depois somam com os dedos o número total. Cantam a "música da chamada" e vão pegar as fichas com os nomes dos colegas, e os colocam sobre a mesa," (D.C. , 12/09/97).

Apesar da similitude entre as rotinas das turmas , havia nuances distintas entre elas, que dependiam de cada professora.

À hora da entrada, era possível observar modos distintos de proceder entre as professoras. As crianças assim que entravam às 08H00, tomavam o café. Isso fazia com que algumas professoras não entrassem na sala. Seus alunos guardavam as bolsas e iam para a fila esperar o café.

Outras procediam como a M. que *"... ela entra, reza, canta a música da chamada, faz a chamada e depois vai para o café."* (D.C. – 20/10/97)

Outro exemplo dessas variações no viver da rotina apareceu no momento de esperar pelos pais, à saída. As crianças geralmente voltavam do almoço por volta das 11H30, e os pais começam a chegar por volta das 11H50. Este intervalo de tempo era assim vivido em três salas diferentes:

SALA 1 : *"Voltaram as 11H40, fazem uma roda e começam o jogo do silêncio do qual participo, cantam várias músicas e as 11H50 as peruas começam a pegar as crianças na porta da sala..."* (D.C. , 12/09/97)

SALA 2 : *"Voltaram para a sala sentaram em círculo. A professora pegou uma caixa de livros infantis, perguntou se eles queriam ouvir ou contar histórias. Eles escolheram contar. Então pegou alguns fantoches e as crianças que queriam contar escolhiam um fantoche e contavam sua história. A. pegou o*

fantoche do saci e contou que ele foi comprar um cachimbo, ai alguém roubou o cachimbo e quando ele voltou para comprar outro, o homem que havia vendido não estava mais lá... Ouvimos cerca de seis histórias. Ao final de cada uma delas, a professora cantava com as crianças uma música referente ao personagem. A professora chamou a atenção da classe para o fato de que só estava faltando a voz dos personagens. Duas meninas, então, começaram a conversar através dos personagens. A professora colocou um fantoche na mão e entrou na conversa...começaram a chegar os perueiros ela começou a dispensar as crianças... (D.C. , 26/09/97)

SALA 3 : "Fomos para o almoço, retornamos as 11H30 as crianças com as mochilas nas costas, a professora veste sua blusa, pega sua bolsa, como se estivesse se preparando para ir embora, olha para o relógio, deixa a bolsa sobre a mesa e chama as crianças para brincarem de morto/vivo." (D.C.,18/11/97).

Nas três situações as brincadeiras e as músicas eram um modo de utilizar o tempo da espera. Nas salas 1 e 3, elas funcionavam como uma forma de preencher esse tempo ocioso que sobrava.

Na sala 2 a professora não preenchia apenas o "tempo que sobrava". Ela trabalhava com as crianças atividades de teatro, de interpretação, compartilhando com elas narrativas e modos de narrar, atividade simbólica fundamental ao desenvolvimento histórico-cultural da criança. Ainda que tal atividade não estivesse prevista, planejada, a professora dela lançava mão e de uma maneira não formal, ensinava e mantinha o envolvimento das crianças, transformando um tempo feito de espera, em tempo de ensinar e de elaborar conhecimento pelo brinquedo.

Apesar da rotina ser fixa e repetir-se todos os dias, foi possível nela observar, constantemente pequenas variações, "furos" que aconteciam, assaltando o fazer de todo dia.

Do mesmo modo que um relógio pode perder o ritmo, atrasando ou adiantando, devido a muitos fatores externos como poeira e água, ou internos como quebra de molas, que interferem nos seus mecanismos, alterando o compasso marcado, assim também a rotina na escola era quebrada por fatores diversos. Algumas vezes isso acontecia pelo aparecimento de atividades não planejadas.

Denomino atividades não planejadas aquelas que “despencavam” sobre as professoras, sem previsão.

“A professora do pré B entra na sala e avisa sua colega que está na hora da educação para o trânsito, a professora V. me olha e diz desconsolada : Você vê, não dá tempo para fazer nada...”(D. C. , 26/09/97)

Perdido o compasso, torna-se difícil restaurá-lo:

“ V. ao retornar à sala após a atividade de educação para o trânsito: ... pediu para os alunos lavarem as mãos para o almoço. Depois colocou a mão na testa e lembrou que eles não almoçavam nesse horário. As crianças, então, voltaram para a sala de aula...” (D.C. , 26/09/97)

Outras vezes entre as atividades planejadas, sobrava um tempo que precisava ser preenchido. Geralmente ao terminar antes do esperado uma atividade próxima da “a hora do parque”, “a hora do café”, “do almoço”, “da saída”, cujo cumprimento não dependia só da professora da turma, era preciso recorrer a brincadeiras e músicas que, ocupando o tempo livre que sobrava às crianças, permitissem às professoras conservar a ordem e a regularidade do funcionamento da escola.

"Fomos para o almoço, retornamos as 11H30 as crianças com as mochilas nas costas, a professora veste sua blusa, pega sua bolsa, como se estivesse se preparando para ir embora, olha para o relógio, deixa a bolsa sobre a mesa e chama as crianças para brincarem de morto/vivo". (D.C.,18/11/97).

"Voltam as 11H40 (antes escovam os dentes)... cantam várias músicas e às 11H50 as peruas começam a pegar as crianças.." (D.C. ,12/09/97)

Em outras ocasiões, foi preciso quebrar a rotina, para que o compasso perdido voltasse ao "mesmo ritmo" das outras salas :

" Embora as crianças devessem lavar as mãos para o almoço, a professora percebendo que se atrasara, disse-lhes que não era preciso fazê-lo, pois não podiam atrasar o almoço. Em seguida, comentou comigo: "senão eu vou levar um "xingo" e eu ando levando "xingo" de tudo que é lado nesta escola. "(D.C., 26/09/97)

A rotina estabelece padrões que permitem a legibilidade e o reconhecimento de cada um, bem como os limites de tolerância com relação à transgressão desses padrões. *"Eu ando levando xingo de tudo o que é lado nesta escola", reclama a professora.*

Mas o não cumprimento da rotina não significa questioná-la. O que não se cumpre ocupa sempre um espaço deixado em aberto pela própria regra e é possível argumentar em termos de prioridades para justificar o não cumprimento. (o que seria menos pior não lavar a mão ou atrasar o almoço?).

De qualquer modo, romper a rotina é sempre conflitivo porque comporta a possibilidade de repreensão ("senão eu vou levar xingo").

Embora a rotina cotidiana tenha de se coadunar a uma série de "horários de relógio", ela mantém uma certa fluidez que a aproxima do que Thompson chamou de "task orientation". Isso se evidencia sobretudo nos dias de chuva ou de muito frio.

Nesses dias, o passar do tempo era vivido como um transtorno pelas professoras. Elas reclamavam da agitação das crianças que perguntavam a todo instante se ia parar de chover, se teriam parque ou não. Diante da possibilidade de disporem do horário de parque o que fazer?

"Bom, hoje está chovendo muito e conseqüentemente não tem parque, então as crianças vão para o pátio brincar de "Batata Quente" (D.C. ,20/10/97).

Porque as condições climáticas interferiam tão significativamente na rotina, mudando os marcadores de tempo, sua significação e sua utilização?

Porque na rotina escolar há uma clara cisão entre **tempo de trabalho** e **tempo livre** para as crianças e as professoras.

TEMPO DE TRABALHO E TEMPO LIVRE

No cotidiano da escola para as crianças, o dia é claramente dividido em dois grandes momentos: o “tempo da lição” e o “tempo do parque”.

O “tempo da lição” é caracterizado pelos trabalhos mimeografados preparados pela professora e realizados na sala de aula. Ele é interpretado como “tempo produtivo”, tempo de obrigações e tarefas.

O tempo do parque é interpretado pelas crianças como o tempo para brincar, um tempo de não fazer nada.

“No sábado perguntei ao E. o que ele fez na Sexta: “Ah! Nada, só fui duas vezes no parque, uma vez no grande e outra no pequeno...” Pergunto: “Só isso, vocês não fizeram mais nada?” Responde: “Ah! A professora passou umas duas lição lá ... só!” (D.C. ,22/10/97)

O brincar da criança na escola reveste-se de um sentido de improdutividade. Só é considerado produtivo aquele tempo do qual resulta algo palpável, como trabalhos mimeografados, escrita, desenhos feitos em sala. O papel mais do que suporte da atividade parece testemunhar a realização efetiva da tarefa.

“A escola forte é medida pela quantidade de material mimeografado contendo exercícios repetidos e mecânicos, que atestem a quantidade de horas que a criança passou sentada executando-os...”(Moreira:1993,66)

A brincadeira não é vista como produtora de conhecimento, apesar de sua importância já ter sido explicitada por distintas teorias acerca do desenvolvimento humano. Reflexos da concepção dominante de tempo produtivo, numa sociedade em que ele deve ser ocupado e economizado.

Para as professoras o tempo de trabalho e o tempo livre também acontecem durante o período do dia que permanecem na escola, mas diz respeito a situações distintas daquelas vividas pelas crianças.

O tempo de trabalho diz respeito ao estar na escola com as crianças, às atividades planejadas visando o aprendizado delas, à reprodução em mimeógrafo dessas atividades, aos recados a serem colados nos cadernos, ao controle e vigilância sobre as crianças durante sua estadia na escola, ao cumprimento dos horários e da rotina, ao planejamento semanal...

O planejamento semanal era realizado em uma reunião que acontecia às segundas-feiras, em que a coordenadora especificava o que deveria ser trabalhado com as crianças, por exemplo: na Segunda, dia tal: conhecimento físico. Às vezes a coordenadora dava exemplos do que deveria ser feito como: "colocar um pano para secar ao sol". As professoras anotavam em seus cadernos as orientações e iam registrando diariamente as atividades desenvolvidas. O registro das atividades feitas era verificado pela coordenadora de tempos em tempos..

No entanto, o planejamento nem sempre se realizava como o esperado.

"Fomos lá para o pátio, todas as salas lá estavam o Infantil I e II sentaram para primeiro assistir e depois fazer como as crianças do pré. Tinha rua desenhada, semáforos manuais e placas de trânsito ... Ficamos ali por algum tempo as crianças do Infantil não prestavam atenção e as do pré que estavam em "pleno trânsito" muito menos. As professoras do pré stressaram e colocaram as crianças de volta na sala, a V. também stressou e pediu alguns carrinhos emprestados para eles circularem pela estrada desenhada e voltaram em direção da sala..." (D.C. , 26/09/97)

Inicialmente o propósito da atividade era dar às crianças algumas noções sobre leis de trânsito, mas na realidade o que acabou ocorrendo foi uma

divertida (para as crianças) brincadeira e um grande aborrecimento para as professoras.

Apesar das professoras não pararem durante todo o período (mimeografando, arrumando a sala, pondo em ordem as crianças, comandando, cantando, ensinando, repreendendo, controlando) elas consideram a docência na pré-escola menos trabalhosa do que nas séries iniciais do 1º Grau porque *“não tem que ficar dando prova e não gasta muito tempo com correção.”*

“Na pré-escola não se leva trabalho pra casa, a não ser na Páscoa, dia dos pais e das mães.” (D.C. , 12/09/97 e 15/09/97. Essas informações foram obtidas a partir de uma pergunta da pesquisadora às professoras, acerca de suas experiências profissionais em outras séries e cursos, em situação de conversa informal)

“Não levar trabalho prá casa” é um dado interessante na medida em que revela, pela negação, que essas professoras valorizam o tempo livre que se configura pela não ocupação do tempo fora da escola. Elas não questionam a organização do trabalho que impõe, às professoras de 1ª a 4ª série, um tempo de dedicação extra-escolar que não é remunerado, nem valorizado socialmente como tempo de trabalho. Elas valorizam a ausência desse tempo em sua rotina semanal.

A hora do parque, que é vivida pelas crianças como um tempo livre, costuma ser ocupada pelas professoras em outras atividades como preparar enfeites, presentes ou trabalhos especiais que as crianças deverão levar para casa e também colar nos cadernos das crianças os recados da escola para a família.

“Chega a hora do parque, a professora tem um monte de recados para colar nos cadernos, coloca uma mesa lá fora e pega uma cadeira, também vou ajudar...(Isso é um hábito comum) Quando acabamos de colar, chega mais um bilhete trazido pelo pessoal da secretaria, e como sempre sem recortar,

comento com a professora que os bilhetes deveriam vir recortados, ela diz que o pior é que na secretaria tem guilhotina..." (D.C.,10/10/97)

É interessante notar como um mesmo intervalo de tempo é vivido e significado de modo distinto pelos diferentes atores sociais da escola. Enquanto para as professoras "a hora do parque" é um tempo de trabalho, para as crianças ela é tempo livre.

Do mesmo modo, "a hora do café" não assume apenas um significado, e dentro desse determinado instante muito acontece. Ela é significada de maneira diversa por professoras e crianças.

Para as crianças é hora de alimentação e também de relacionarem, pois não estão divididas em grupos como nas salas. Todos pertencem a uma só mesa.

Para as professoras, o horário do café é um "tempo livre" na escola. É o momento da sociabilidade entre elas. Enquanto as crianças estão sentadas nas mesas tomando o seu café, as professoras, próximas à cozinha, também tomam seu café e conversam. Essa conversa informal poucas vezes é relacionada à escola ou às crianças. Ela é geralmente voltada para sua vida pessoal, é um momento de proximidade e de coleguismo, que dificilmente se repete no decorrer do período.

A separação entre "tempo de trabalho" e "tempo livre" nas sociedades capitalistas industriais é regida, como vimos na discussão inicial acerca do tempo, por um controle externo que, ainda que não impeça, reduz os espaços de manobra e as possibilidades de imprimir um jeito, uma marca, um ritmo pessoal àquilo que se faz no trabalho.

O planejamento, como já dizia Comênio, era uma fórmula de melhor utilizar o tempo e neutralizar a ociosidade. Planejar, então, é um recurso de controle, na medida em que estabelecendo metas a serem executadas em determinado período, ordena e impõe um ritmo às "atividades" do indivíduo, permitindo que ele seja vigiado, mesmo não estando o vigia presente.

Nas fábricas são estabelecidas metas de produtividade, na escola as metas estabelecidas dizem respeito ao quanto e ao como ensinar e aprender, tanto em termos de conteúdos e habilidades explicitamente definidas, quanto em termos de valores e atitudes implicadas no "currículo oculto". Nesse sentido, o "tempo de trabalho" planejado é uma forma de disciplinar alunos e professores, direção e funcionários.

É uma maneira de "cuidar" de muitos, subjugando todos a uma só ordem. Todos têm que ser um só.

Comênio acreditava que:

"... assim como na imprensa qualquer papel, que deve transformar-se em livro, não pode fugir ao prelo..., assim também quem vai à escola para se instruir deve sujeitar-se a disciplina comum." (op. cit, p. 461)

Sujeitar-se à disciplina na escola também tem a ver com o tempo. Fazer com que todos estejam no mesmo ritmo, é garantir um modo de utilizar o tempo igual para todos. A utilização do tempo de trabalho é marcada pela disciplina e é também uma forma de disciplinar, pois pelo tempo controlar-se e mantém-se padrões de comportamento e de "produtividade" que foram estabelecido.

Foucault três séculos depois de Comênio, desconstrói e explicita a gênese da função disciplinadora:

"Para um controle total das atividades, a primeira medida disciplinar é manipular o tempo que as investe. Ele deve ser integralmente útil. Qualquer distração que venha comprometer a menor fração de tempo deve ser dissipada."

Para garantir sua pureza e utilização totais, a disciplina irá realizar a elaboração de cada ato no tempo. "(Foucault, apud Fonseca, 1995: 63)

Para que o ato ocupe o tempo determinado é preciso vigiar:-

"Poderá despertar-se e manter-se viva a atenção, (...) com a ajuda dos chefes de turma e de outros encarregados de qualquer vigilância.(...) E se verificar que algum não estava atento, repreenda-o ou castigue - o. Assim, todos farão todo o esforço possível por estar atentos." (Coménio –op.cit.:282 e 283)

Evidentemente que hoje não são utilizados castigos, mas a presença é uma forma, segundo Foucault (Fonseca, op.cit.:50/52), de provocar uma auto-sujeição, ou seja, vigiar provoca no indivíduo observado uma "contenção de atitudes":

"Ele não pode ter a certeza de que num determinado momento esteja sendo vigiado, mas também não pode afirmar que não esteja." (Foucault, apud. Fonseca, op.cit., p.55)

Essa contenção de atitudes é aprendida por professoras e crianças e também transgredida por elas muitas vezes.

"Fomos para o almoço, uma criança faz muita bagunça e a sua professora a segura pelo braço e depois me diz: "Olha lá a Dona F., me olhando pode ter certeza que a diretora, virá falar comigo, porque segurei a criança pelo braço..."

Realmente a Dona F. estava olhando e conversando com outra funcionária, ela é uma monitora que recebe e entrega as crianças no portão e depois fica andando pela escola, sempre achei que ela fosse uma inspetora, ou algo no gênero, mas conversando com as professoras soube que ela é uma monitora que está há anos na E.M.E.I. A sua rotina, segundo as professoras, é vigiar e entregar as professoras para a direção, isso quando ela mesma não vem chamar a atenção das professoras...”(D.C.,38/39)

A fala da professora revela que ela se sabe vigiada, mas o gesto, não permitido, acontece apesar de tudo e tem conseqüências.

Nesse jogo de controle e transgressão, a disciplina vai se produzindo, ordenando as relações, mantendo as normas, na tensão latente dos conflitos, que vez para outra escapam, vazam.

Como as professoras não discutem as regras, o disciplinamento vai-se produzindo entre ordens e comentários velados, ordens e silêncio.

Na sala de aula, reproduzindo as relações de controle que vivem, as professoras, elas também não costumam explicar os padrões de comportamento esperados às crianças.. Eles vão de explicitando para elas crianças através das experiências e conseqüências pelas quais vão passando no dia-a-dia.

“... a professora distribuiu os lápis de cor, os apontadores e eu as folhas de sulfite. Enquanto as crianças pintavam, a professora V. me falou que era professora de Português e Inglês há vários anos no Estado e que esse era seu primeiro ano com pré-escola. Contou-me que quase desistiu no começo, porque os alunos não tinham nenhuma disciplina, ela precisou de dois meses para deixá-los “mais calminhos” e que isso reflete no comportamento de tal maneira que tem até briga para substituição, todas querem ficar na sua sala quando ela tem que faltar.”(D.C. ,26/09/97)

Dois meses... O tempo é o parceiro do disciplinamento. Como destaca Foucault, *"a disciplina é método que possibilita um controle minucioso do corpo e de suas partes, das atividades, do tempo, e da forma..."* (apud Fonseca, op. cit., pp.50/52)

Mas também a disciplina é a vigilância sobre as crianças afrouxa em algumas situações coma a descrita abaixo:

"As 10H00 as crianças vão lavar as mãos e ficam em fila para almoçar. Ficam do lado do pré D, L. começa a cantar com as crianças, uma sala começa a ensinar músicas para outra, porém só a parte da frente, próxima da professora presta atenção, no final da fila tem até briga. A professora não vê (não quer ver) e as crianças ficam assim até às 10H45..." (D.C. , 23/09/97)

AS FESTAS

Crianças e professoras vivem a rotina cotidiana de modos semelhantes e diferentes ao mesmo tempo. Diferentes nas atividades de que se ocupam e nos significados de que os intervalos dessas (e entre essas) atividades se revestem . Semelhantes no sentido, educativo e disciplinador da própria rotina e também no sentido da percepção que têm do fluir desse cotidiano.

Imersas na realização das tarefas do dia-a-dia, o estar na escola para elas configura um tempo que se repete todo dia, toda semana, todo ano.

Embora se observe os horários do relógio constantemente, eles servem para ordenar as tarefas e acabam quase que se confundindo com elas.

Como ressalta a antropóloga Teresa Pires do Rio Caldeira, em seu trabalho "A política dos outros" (1984), embora a experiência cotidiana seja regida pelos horários do relógio, já que as tarefas têm hora para serem feitas e nós tenhamos a sensação de usar o tempo, ela representa a vivência de "um outro tempo", que não é aquele que prevalece e é valorizado em nossa sociedade.

"O cotidiano", analisa Caldeira, "é o repetitivo, o que começa , acaba e recomeça da mesma maneira, é o que não tem profundidades, nem passado, nem futuro. Se a noção de tempo prevalece na nossa sociedade é seqüencial e histórica, a que prevalece no cotidiano é repetitiva e cíclica" (op. cit:118/119).

A percepção de que o tempo passou, de que um ciclo se fechou e se iniciou outro, nunca é dada no cotidiano, continua Caldeira: *"A passagem do tempo só se torna perceptível quando acontece algum evento especial que, ao quebrar a rotina diária, estabelece uma marca, uma data."* (op.cit., p.134)

Essas datas que ordenam o tempo são as festas. Segundo o antropólogo E. , Leach, *" em todo o mundo os homens marcam seus calendários através de festivais (...) O intervalo entre dois festivais sucessivos do mesmo tipo é um 'período', geralmente um período que tem um nome, por exemplo, 'semana', 'ano'. Sem os festivais, tais período não existiriam e a ordem sairia da vida social"* (Leach,1974: 203/207)

Na escola, as festas dizem respeito às datas comemorativas, em especial a Páscoa, o dia das mães e dos pais, as festas juninas, o dia (ou semana) da criança e as festas de final de ano e de formatura.

Em cada uma delas comemoram-se aspectos distintos da vida social. Segundo Roberto Da Matta, citado por Caldeira ,*essas festas colocam em foco*

um aspecto da realidade “a religiosidade, o disciplinamento moral, as relações familiares, a conservação de hábitos tradicionais da cultura camponesa , que se perdem no espaço urbano, a condição infantil etc.” e, por meio disso, mudam seu significado cotidiano.”(Da Matta, apud Caldeira,1984:138)

As festas mudam a rotina envolvendo as crianças e as professoras em outro tipo de atividade. As crianças ensaiam, fazem desenhos especiais, recebem presentes. As festas dão “mais trabalho” às professoras obrigando-as a ocupar parte de seu tempo em casa com coisas da escola.

Presenciei dois grandes momentos de festas na E.M.E.I. o primeiro foi um passeio na semana da criança.

“Como estamos na semana da criança, não haverá aula só diversão...Nesse dia haveria passeio de trenzinho, algodão doce e pula-pula. (...) Fomos para o almoço as 11h30, nesse dia não teve escovação, todos voltaram, pegaram as bolsas para irem embora.” (D.C. ,06/10/97)

“Cheguei e as professoras estavam na sala de reuniões embrulhando os últimos presentinhos... (...) Quando chegamos à sala ,todos queriam saber o que eram aqueles pacotes, foi um interrogatório só... Distribuimos os crachás e fomos a empresa B. (a pé), uma empresa que fabrica agrotóxicos . Fomos recebidos pelo vigia (entramos pelos fundos, pois a frente da empresa é na Rodovia Anhanguera) e por um Senhor grisalho que falava “enrolado”(não é brasileiro). Todas as 181 crianças o cumprimentaram , ele disse “Ah, acho que vou ser candidato...” Andamos por um gramado extenso, enquanto ele pegou seu carro e foi até os quiosques. Era um lugar arborizado com cinco grandes quiosques, um campo de futebol, um parque com vários brinquedos, banheiros e um lugar para servir o pessoal (com balcão). As crianças do Integral estavam nos brinquedos quando o pré chegou. Como não se havia trazido bola as professoras resolveram tentar fazer um brincadeira coletiva, algumas crianças

participaram e outras se espalharam. Logo cada professora foi para um local, fiquei no campo de futebol olhando as crianças que lá estavam (o Sr. Grisalho trouxe bolas) e cuidando do bichinho virtual do M., algumas professoras foram para os brinquedos e outras foram arrumar o som. As crianças do maternal se misturaram com as do pré no campo de futebol e eu fui buscar umas que haviam passado para o outro lado da cerca e outras que estavam tomando água de uma caixa que eu não sabia se era potável. Separei brigas, fui juíza e tudo mais.

Chegou a hora do lanche, teve cachorro quente, guaraná, depois sorvete e na saída chocolate. Todos podiam repetir o quanto quisessem. No final todas as crianças deram um "grande" obrigado ao Sr. Grisalho e fomos a pé novamente. No caminho o Paulo pegou um sapo morto e veio nos mostrar... Chegamos as 12H10, os pais já esperavam no portão... A professora E. distribuiu as lembranças e pediu para que esperassem que a diretora viria conversar com eles. O motorista de uma perua entrou na sala e quis pegar as crianças. A professora disse: "Ainda não !" Ele disse que então só voltaria às 13H00, ela disse: "Você é quem sabe, qualquer coisa fale com a diretora. " Ele saiu. A diretora distribuiu bolas e um saquinho com balas e pequenos brinquedos, ela frisou que eram brindes da farmácia do Prefeito de Sumaré e do depósito de construção, cujo proprietário é o sogro do Prefeito."(D.C.,10/10/97)

"... a diretora disse para elas trabalharem com o que foi feito na semana da criança. Essa turma ficou incumbida de fazer o desenho do que foi feito antes de irmos para o passeio na B., isso porque a diretora pretende fazer um livro com capa envelhecida para presentear a empresa"(D.C.,14/10/97)

Nesses episódios podemos notar a ruptura total da rotina. Da escovação até ao planejamento, as atividades não são cumpridas. Rompe-se com toda uma linha de trabalho, como se a semana da criança fosse um

“apêndice” no calendário. Em meio a esses ritos a criança vai internalizando uma concepção de infância como “momento” de brincar e comer guloseimas, como se não fizesse parte do contexto social.

A outra festa importante foi a do final do ano. Esta festa põe em foco exatamente a passagem do tempo. Ela marca o encerramento do ano letivo e o encerramento de um ciclo de escolarização das crianças que vão para a escola fundamental. Ela sintetiza as duas maneiras de perceber o tempo que são experimentadas na escola – a idéia de repetição (do cotidiano) e a idéia de fluxo, de tempo que passa, pois delimita um período fixo – o ano letivo – que se repete e também torna explícito o tempo que ficou para trás.

Como destaca Caldeira, as festas de fim de ano são um *“momento extraordinário que dramatiza o tempo, arrancando as pessoas do seu cotidiano e permitindo que ele seja visto de longe e com relação à biografia (seqüencial), a vida de cada um . Ao destacar o que já passou e o que vai se repetir, elas abrem espaço para pensar a própria vida – é esta que termina em foco.”* (1984:139).

Na escola, os investimentos para a festa de fim de ano começam cedo. Em setembro, ao saber que eu permaneceria na escola até o final do ano uma professora fez o seguinte comentário: *“Oba! Já temos alguém para ensaiar a formatura.”* (D.C., 19/09/97).

Em novembro, tudo planejado, a escola distribuiu às famílias o modelo das roupas que as crianças deveriam usar para as danças da festa.

O controle sobre a participação das professoras e sobre o andamento da festa foi intenso.

“A professora com quem estou estagiando me diz que a diretora vai fazer uma grande festa com autoridades e tudo, e que está exigindo que todas das reuniões. Pergunto o que está sendo discutido . Ela me disse que não há mais planejamento, só preparativos para a festa...” (D.C.,18/11/97)

A partir de dezembro só acontecem ensaios. A rotina, invadida pela festa, é cumprida quando "sobra tempo".

"As crianças vão sair as 10H00. M. comenta com E. que hoje não dará tempo de ensaiar.... E. só ensaia com as crianças a dança que vão apresentar. M. faz cartão de Natal para os pais com as crianças. F. e E. só ensaiam. (D.C. , 03/12/97)

"Hoje todas turmas ensaiaram juntas. Cantaram os hinos Nacional e de Sumaré, dançaram e depois foram para o parque. Hoje a saída também será às 10H00. Nessa semana eles vieram para ensaiar no dia 09 e 10 e virão no dia 11, porque no dia 12 será a formatura. Fui convocada para ajudar as professoras a limpar o salão no dia 11...(D.C. ,10/12/97)

A tensão nas relações dentro da escola ia crescendo à medida que a festa se aproximava, as expectativas e interesses em jogo são explicitadas na medida em que a cobrança às professoras aumenta. Havia uma forte pressão por parte da direção para que nada atrapalhasse os preparativos para a festa.

A festa aconteceu:

"Foi algo grandioso. Eu não pude ir ajudar as professoras a limpar o salão. No dia da formatura estavam todas "acabadas" ficaram da 12H00 as 21H00 na Sexta e das 07H00 as 14H00 do Sábado, limpando e transformando um velho galpão num palco de grandes "emoções". As crianças deveriam estar no galpão às 17H30. A festa começou por volta das 19H30, as crianças passaram muita sede até o início da formatura (Estava muito quente). Em

poucas palavras foi “uma festa grandiosa” com orquestra para tocar os hinos Nacional e de Sumaré, com a presença do Prefeito e de secretários da Cultura e Educação. (D. C., 13/12/97)

O ano letivo se encerrava. O que havia passado já era passado, o que estava por vir seria um outro tempo, uma outra coisa. Um novo intervalo de tempo se iniciava – as férias escolares – e depois o re-iniciar demais um ano de rotina e de festas, de trabalho e descanso... A vida transcorria.

O TEMPO COMO ALIADO

Embora os estudos inicialmente comentados enfatizassem o caráter conformador do tempo na escola, constatei que, embora ele seja irrecusável, sua produção não é linear. A conformação vai sendo tecida e entretecida, às transgressões e a negação da própria conformação em favor de outras prioridades.

Rotina e festa, tempo de trabalho e tempo livre se complementam contraditoriamente e ensinam às professoras e às crianças tanto a sujeição aos “horários”, quanto a possibilidade e a necessidade de burlá-los algumas vezes; a submissão ao disciplinamento da organização do trabalho, e também as brechas para imprimir um jeito próprio de viver o trabalho. Os espaços de manobra, por entre a rotina, mesmo que reduzidos, existem e possibilitam a tomada de algumas decisões. No entanto essas ações e gestos, que revelam espaços de resistência e possibilidades de transformação, não são ocupados para por em questão a organização do trabalho vigente.

Reportando-me a prática professora da 4ª série, com a qual estagiei em 1996, analiso que sua total imersão na rotina a impedia visualizar essas “brechas” e conseqüentemente a possibilidade de resistir. Para ela o tempo se configurava como um grande empecilho no desenvolvimento do seu trabalho. Porém se fosse melhor utilizado, poderia vir a ser mais um aliado na sala de aula. Afinal, o tempo não é tempo por si só, nós o significamos e o conhecimento é produzido e significado no tempo...

BIBLIOGRAFIA:

- BRAVERMAN, H. Trabalho e Capital Monopolista. A degradação trabalho no século XX. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- CALDEIRA, Teresa P. Rio, A Política dos outros. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- COMÉNIIO, J.A. Didática Magna, Fundação Calouste Gulberkia Praga, 1957.
- ENGUITA, F. A. A Face Oculta da Escola. Clube dos Editores, Porto Alegre, 1989.
- FONSECA, M.A. Michael Foucault e a Constituição do Sujeito, Educ, São Paulo, 1995.
- FREIRE, P. Professora sim, tia não, Olho D'água, São Paulo, 1995.
- LEACCH, E. Repesando a Antropologia. Perspectiva, São Paulo, 1974.
- MOLLO, S. Os Mudos Falam aos Surdos, Estampa, Lisboa, 1978.
- MOREIRA, A. A. A. O Espaço de Desenho : A Educação do Educador, Loyola, 1993.
- TAYLOR, F.W. Princípios e Métodos de Administração Científica, Atlas, 1970.
- THOMPSON, E.P. "O Tempo, a Disciplina do Trabalho e o Capitalismo Industrial", in" Trabalho, Educação e Prática Social. Org. Tomaz Tadeu da Silva, Porto Alegre, 1991, pp. 44,84.